

# PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO-FORMAIS

Helena Maria Alves Moreira<sup>1</sup>

## RESUMO

O propósito desse estudo é refletir sobre a prática docente de Freire e a prática educativa do uso de espaços não-formais influenciou no resultado final da experiência realizada em Angicos/RN em 1963. Muito antes do surgimento do termo educação não-formal no final da década de sessenta. Paulo Freire em seu experimento sobre a alfabetização em Angicos propôs espaços e estratégias que nos remete a reflexão da importância do uso de espaços além dos muros da escola. Pautados nos estudos de GOHN (2006) ROCHA (2013) e de outros renomados autores além, é claro, do próprio FREIRE (1963, 1996, 2013, 2014, 2015, 2019) Ao longo dessa pesquisa procuramos destacar a importância da educação formal e não formal na aprendizagem dos não alfabetizados. Dentro dessa perspectiva, a experiência de alfabetização ocorrida em Angicos/RN foi e até os dias atuais fonte de estudos e reflexões sobre o dueto educação/cidadania como um marco da educação brasileira. A metodologia utilizada constou de pesquisa bibliográfica e o relato de experiência a visita à região de Angicos. Nas leituras realizadas e entre os autores pesquisados vimos estabelecer que outros espaços educativos, além da escola podem e devem ser utilizados como instrumento no processo ensino-aprendizagem onde a presença da comunidade faz a diferença tornando a educação mais verdadeira e contextualizada.

**Palavras-chave:** Paulo Freire; Educação Não-Formal; Angicos/RN.

<sup>1</sup> Mestre em Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Educação Básica - PPGEB/CAP – Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, [helenamaria.moreira@gmail.com](mailto:helenamaria.moreira@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

A construção das relações interpessoais como base para o aprendizado de princípios de igualdade e de justiça, são a base para o real exercício da cidadania, visto que, uma das grandes metas da educação não-formal é preparar os cidadãos como seres pensantes, afinal, como diz Freire “educar é um ato político”. O educador entendia o conhecimento como um direito e a educação como parte da política cidadã, dos direitos humanos e da construção diária da história.

O ano era 1921, no Brasil, o então presidente Epitácio Pessoa foi de encontro a uma política, denominada “política do café com leite”, mais exacerbada nas regiões de São Paulo e Minas Gerais que se revezavam no poder executivo do país. Dentro desse contexto político, em 19 de setembro de 1921 nasce em Recife, Pernambuco, Paulo Reglus Neves Freire, conhecido mundialmente como Paulo Freire.

Ao longo da sua trajetória de vida, Paulo Freire não só presenciou como participou ativamente no campo político, econômico, social e cultural do país. Não à toa, em 2012 foi proclamado Patrono da Educação Brasileira entrando para o cenário histórico nacional e internacional. Defendia uma educação sob a perspectiva libertária, conscientizadora e crítica. Para Freire, direito e educação caminham juntos, um vez que, o conhecimento é um direito e a educação anda ao lado da política.

Para tanto, o professor deve além de ser um mediador entre o conhecimento e o aluno, ser um pesquisador e um articulador entre professor/aluno. Didiscência pode ser entendida como a docência que não se separa da discência, ou seja o trabalho do professor deve estar em consonância com o trabalho do aluno, num esforço mútuo.

Didiscência é um conceito criado por Paulo Freire que diz respeito à necessidade de interação entre a dimensão docente e discente, visto que não existe educador/a sem educando/a e nem educando/a sem educador/a, sintetizado no pensamento de que, “quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.” (FREIRE, 1996, p.23)

Paulo iniciou sua carreira docente no Colégio Oswaldo Cruz que pertencia aos pais de sua primeira esposa Ana Maria, carinhosamente chamada por todos de Nita, sua segunda esposa a qual conviveu até sua morte em 1997. Em 1947, formou-se em Direito na Faculdade de Direito do Recife. A Faculdade ofe-

recia um curso de Direito voltado principalmente para a formação humanística, conceito esse que Freire carregaria por toda sua vida acadêmica e pessoal.

Um dos ensinamentos mais emblemáticos de Freire foi registrado em seu livro *Pedagogia do Oprimido* lançado pela primeira vez em 1970. Na referida obra, Freire conceitua educação bancária, ou a concepção bancária de educação como um modelo que em que o professor simplesmente repassa ou deposita ideias e/ou conteúdos aos alunos, típico modelo caracterizado por uma relação fortemente vertical e unilateral entre professor e aluno, educador e educando. Fiel defensor de cada aluno não é um repositório vazio no qual o professor apenas transmite o conhecimento, Freire insiste que a escola deve superar essa educação bancária, dando lugar a uma educação dialógica e humanizadora.

“Ao fundar-se no amor na humildade na fé nos homens o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoro, humilde e cheio de fé o diálogo não provocasse este clima de confiança entre os sujeitos. Por isto inexiste esta confiança na antilogicidade da concepção “bancária” da educação.” (FREIRE, 2013, p. 113)

Freire sempre visualizou a educação como uma troca entre educador e educando. Conceito eternizado através da famosa frase “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 2013, p.95). Na certeza de que a escola deveria superar a educação bancária, Freire defendia a hipótese de que as problematizações deveriam prescindir os estudos, e por isso, institucionalizou a Pedagogia da Pergunta, partindo da premissa da educação como processo dialógico.

## RELATO DA VISITAÇÃO À REGIÃO DE ANGICOS/RN.

No ano de 2015 a o participar do VIII Seminário Internacional Diálogos com Paulo Freire – Pensamento Político-Pedagógico de Paulo Freire: Diálogos com a Educação no Século XXI ocorrido em Natal/ RN na Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA onde tivemos a grata oportunidade de conhecer alguns dos ex-alunos de Paulo Freire que participaram da experiência de alfabetização

Ao conversar e interagir com alguns dos participantes da experiência de alfabetização ocorrida em 1963 pudemos constatar acerca da importância e

da abrangência das ações populares alfabetizadoras ocorridas no nordeste brasileiro, lideradas por Paulo Freire, que tentou minimizar o grande índice de analfabetismo existente na década de 1960. Os depoimentos dos participantes foram carregados de muita emoção e evidenciaram a imensa gratidão ao mestre Paulo Freire

Mesmo após cansativas jornadas de trabalho no campo, à aprendizagem da leitura e da escrita os tornaram capazes de compreender seu valor como cidadãos e o poder que tinham em reivindicar seus direitos.

No depoimento de uma das participantes do evento verificamos a veracidade da obra de Freire a importância da educação na vida dessas pessoas.

*"... era muito bom a aula de Paulo Freire! Eu não guardei os livros não porque eu queimei tudo com medo de ser preso... porque disseram que se viessem na sua casa iriam revirar tudo e iriam prender! Eu queria guardar para quando meus filhos nascessem eu mostrar pra eles! ... Foi numa casa mais pra frente.. a luz, não existia essa luz... era a luz de farol; sabe? Grande, tipo lampião.... o que eu sei hoje foi da época que Paulo Freire ensinou. ... Duas coisas eu guardo dentro de mim: foi costurar que eu não sabia mas Deus me deu esse dom de eu costurar; não fui em casa de ninguém para aprender... foi Ele quem me deu... costuro tudo! ... E a escola de Paulo Freire e de uma mulher que era a professora, que eu não me lembro o nome, foi quem me ensinava muito e eu aprendi e guardei tudo... Eu tenho Facebook: 'mariadeferreiracostureira.'" (Maria de Ferreira)<sup>2</sup>*

A experiência se deu quanto em 1963, Freire recebeu a convite do então presidente João Goulart, a proposta de liderar um programa de alfabetização para 300 adultos da zona rural da cidade de Angicos (RN). Fato que impressionou profundamente a opinião pública ganhando considerável notoriedade junto às autoridades. Houve então, o desejo de ampliar o método para toda a nação, tendo início os cursos de formação de coordenadores em diversas capitais, desejo esse que foi abruptamente interrompido com o Golpe Militar de 1964.

Nas palavras de Brandão (2011),

A ação social ocorrida na aurora dos anos de 1960 "foi criativa e sonhou que poderia servir para libertar o homem, mais do que, apenas, para ensiná-lo, torná-lo 'doméstico' " (BRANDÃO, 2011, p. 17)

<sup>2</sup> Depoimento da ex-aluna Maria Ferreira, carinhosamente conhecida como Maria Costureira. Angicos/RN, 2015.

A Campanha Nacional de Alfabetização, idealizada e sob a direção de Paulo Freire foi denunciada publicamente como “perigosamente subversiva”. Paulo Freire foi preso e posteriormente exilado do país retornando ao Brasil somente em agosto de 1979. Temos dimensão da importância da referida campanha, num trecho do Discurso proferido por Paulo Freire na cerimônia de encerramento

[...] Já não é possível neste país, fazermos educação tímida, educação de “deixa como está para ver com o fica”, porque tem os um povo que existe hoje, Senhor Presidente, Um povo que decide, um povo que se levantou, um povo que começa a tomar a consciência de seu destino e começa a interferir no processo histórico brasileiro irreversivelmente. E a educação que se há de dar a este país, há de ser uma educação da coragem, uma educação que ajude este povo que emergiu, a inserir-se no seu processo, o que vale dizer e, uma educação que conscientize o povo brasileiro, para que ele faça realmente com os homens públicos, as reformas inadiáveis de que este país precisa.”(FREIRE, 1963)

Durante o exílio, passou por diversos países entre eles, Bolívia, Chile, Estados Unidos e Chile e alguns países africanos onde deu aulas e desenvolveu trabalhos na área da alfabetização, contatos parcerias e diálogos que manteve mesmo ao retornar ao Brasil. Foram inúmeras as obras publicadas por Freire, em sua maioria fruto das experiências vividas fora do país. Desde sua morte, a viúva de Freire Ana Maria tem sido a curadora de seu acervo e até os dias de hoje, publica cartas, artigos e manuscritos inéditos.

Não há também diálogo se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens.” (FREIRE, 2013, p.112)

As atividades em Angicos foram embasadas nas “palavras geradoras”, conceito criado por Freire para facilitar o acesso ao conhecimento utilizando-se de termos usados pelos trabalhadores do campo, comuns aquela comunidade. A escolha dos termos se baseia em um levantamento da realidade daquele grupo, termos que fazem parte do cotidiano daquelas pessoas. Assim, sugeriram palavras como belota, milho, povo, dentre outras. Projetada a situação como primeira palavra geradora pela palavra geradora, representação gráfica da expressão oral da

percepção do objeto, inicia -se o debate em torno de suas implicações. (FREIRE, 2014, p. 131)

Para trabalhar cada uma delas, Freire reunia os grupos em Círculos de Cultura, em espaços não-formais e as apresentava aos educandos de forma que elas eram carregadas de significados. O Círculo de Cultura consiste em um espaço de diálogo entre aprender e ensinar, onde não se tem um objeto, mas que todos são sujeitos de trocas de novas hipóteses de leitura de mundo.

Os espaços não-formais, caracterizados com situações existenciais, associado a aprendizagem de conteúdos que possuem significados onde se propicia uma leitura do mundo possível. Para Gohn,

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões, tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. (GOHN, 2006, p. 2).

Além disso, essas situações existenciais seriam responsáveis por desafiar os educandos e levá-los a assumir posições de reflexão e crítica diante das condições de sua existência enquanto cidadãos. O Método estimulava a alfabetização de adultos através da discussão de suas experiências de vida com palavras presentes na realidade dos sujeitos, que são decodificadas para a aquisição da palavra escrita e da compreensão do mundo.

A criação de situações existenciais dizia respeito a situações-problemas que deveriam ir ao debate, levando os grupos a se conscientizarem e por consequência, se alfabetizarem num conceito antropológico da cultura.

São situações locais que abrem perspectivas, porém para a análise de problemas nacionais e regionais. Nelas vão se colocando os vocábulos geradores na gradação já referida de suas dificuldades fonéticas. Uma palavra geradora tanto pode englobar a situação toda quanto pode referir-se a um dos elementos da situação. (FREIRE, 2014, p. 150)



O método consistia basicamente de três etapas: Investigação ; Tematização e Problematização. Na etapa de Investigação, buscava-se, no universo vocabular do aluno e da sociedade onde vivia, as palavras e temas centrais, onde eram selecionados os temas geradores; na segunda etapa, a de Tematização, eles codificavam e decodificavam esses temas, tomando assim, consciência do mundo através da análise dos significados sociais dos temas e das palavras. Por fim, na etapa de Problematização, o sujeito adquiria uma visão crítica do mundo, fazendo com que ganhasse uma postura conscientizadora da sociedade em que vivia.

Os ensinamentos de Paulo Freire através de uma prática democrática e libertadora permaneceram na memória dos ex-alunos de Angicos, e serviu de exemplo para as futuras gerações que almejavam “melhorar de vida”.

Na concepção freiriana, não há conhecimento pronto e acabado ele está sempre em construção. O caráter político, libertador e conscientizador é que diferenciava a metodologia de Freire dos demais métodos alfabetizadores já existentes e disponíveis na época com seus modelos engessados e pensados apenas para a fase inicial dos anos fundamentais.

Outro aspecto importante a se considerar foram os espaços escolhidos para que a experiência de alfabetização de Angicos alcançasse seu sucesso, os educadores foram ao encontro dos alunos. Entende-se como educação não formal aquela que é feita em espaços fora do ambiente escolar (formal), mas que possuem regras próprias em relação aos seus métodos de ensino e relação com o público, com objetivos bem direcionados. Para tanto, foram usados vários espaços não-formais como galpões, praças, taipas, etc. Nesta prática deve-se fazer uso dos ambientes disponíveis nestes espaços não formais facilitar a aproximação dos estudantes com o processo ensino-aprendizagem associado a situações do cotidiano.

Trabalhando em espaços não formais de ensino, Freire proporcionou uma maneira de criar alternativas para um processo ensino-aprendizagem mais dinâmico, além do fato dos alunos não perderem não precisar enfrentar longas distâncias para chegar ao local de ensino o que contribuiu para que não houvesse evasão e eles permanecessem no projeto do seu início ao fim.

É importante ressaltar que o intuito deste artigo não é relacionar a prática do ambiente escolar formal com a de espaços não formais de ensino. Nas palavras de Rocha (2013), “ambos os espaços – formal e não formal – ganham

quando estabelecem uma parceria em prol da educação científica dos cidadãos” (ROCHA, 2013, p. 8)

Para Gohn (2008),

A educação não-formal é destinada para o ser humano como um todo não substituindo ou competindo com a educação formal ou escolar, mas ajuda na sua complementação, através de programações específicas articulando escola e comunidade educativa localizadas no território do entorno escolar. (GOHN, 2008, p.134)

A educação não-formal e a educação formal compartilham objetivos, como a formação de um cidadão pleno. Cada prática possui suas vantagens e/ou especificidades. É importante ressaltar o papel do educador como articulador e mediador de todo o processo pedagógico que acontece nesses espaços não-formais de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, cabe ao professor, entender que ensinar não é somente o de repassar conhecimentos pré-estabelecidos, e sim assumir uma postura de mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento de forma dialógica. Portanto, compete ao professor, desenvolver em seus educandos a autonomia de ser e de saber, respeitando-o como sujeito social e histórico, ciente dos seus deveres e direitos como cidadãos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Independente dos métodos, técnicas, processos e materiais didáticos utilizados, toda prática educativa deve convergir para coerência de seus objetivos em consonância com o projeto pedagógico a ser implementado.

Na concepção freiriana, este ser social e histórico, que somos nós, mulheres e homens, condicionado mas podendo reconhecer-se como tal, daí superar os limites do próprio condicionamento “programado (mas) para aprender” – teria necessariamente que entregar-se à experiência de ensinar e de aprender. (FREIRE, 2015, p. 80)

A questão que se apresenta é que desde àquela época de meados dos anos 1960 até os dias atuais foram poucas as políticas públicas que realmente investiram na educação como projeto democrático de direitos. É um equívoco considerar que a educação popular de hoje reduz a prática educativa ao ensino puro dos conteúdos, porém, ações como a proferida em Angicos.



A educação popular a que me refiro é a que reconhece a presença das classes populares como um *sine qua* para a prática realmente democrática da escola pública progressista na medida em que possibilita o necessário aprendizado daquela prática. (FREIRE, 2015, p.120)

A dicotomia entre educação para libertação e educação antidemocrática e domesticadora exige uma postura política tanto de gestores como educadores. Uma prática educativa progressista, libertadora e permanente faz-se necessária para uma prática educativa dialógica

Para Freire (2019, p.68), a educação quando precedida da “leitura de mundo” e “leitura da palavra” e impõe como prática indispensável a essa reinvenção do mundo.

Pensemos em educação no Brasil como uma prática educativa libertadora e democrática. Precisamos de campanhas efetivamente democráticas com todos os direitos e deveres que elas implicam. Para refletir teoricamente sobre essa prática, faz-se necessária uma postura reflexiva-crítica baseada no contexto sócio-político-social na qual o educando está inserido.

Atuar, refletir, avaliar, programar, investigar, transformar são especificidades dos seres humanos em interação com o mundo onde vivem. Nesse sentido, os seres são condicionados mas não determinados numa luta constante entre o imaginário e o possível.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse sentido o processo ensino-aprendizagem quando visto como um processo dialógico propicia que o educando aprenda na troca com o professor, e este, por sua vez, também aprenda com seu educando.

A construção de relações sociais com base em princípios de igualdade e justiça social fortalece o exercício da cidadania, possibilitando a transmissão de informação, o pensamento crítico e sociocultural como uma das metas da educação não-formal, preparando os cidadãos como sujeito de direitos.

Daí a necessidade de uma educação corajosa que enfrentasse a discussão com o homem comum, de seu direito àquela participação. De uma educação que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. (FREIRE 2014 p. 122)

É impossível disociar Paulo Freire e sua obra. Ambos caminham juntos e se entrelaçam, pois toda a vida e escrita de Freire foi pautada na dicotomia teoria/prática, a partir das suas próprias experiências pessoais e profissionais. E, seus ensinamentos estão sempre atuais.

Negar ao homem o direito à alfabetização é negar-lhe a sua cidadania, a sua dignidade e a esperança de seu sentimento de pertencimento a uma nação que o quer opinando, onde possa contribuir ativamente, refletindo os acontecimentos à sua volta.

Na concepção de Freire, alfabetizar é valorizar a sabedoria resultante das experiências culturais locais do alfabetizando possibilitando que ele avance para além de suas crenças em torno de si mesmo e do mundo. Para Freire, não bastava apenas ler e escrever, mas sim, fazer uso social e político desse conhecimento na vida cotidiana.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **O que é Método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

FREIRE, P. **Discurso do Professor Paulo Freire em Angicos**. Centro de Referência Paulo Freire. 1963 Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org/xmlui/handle/7891/1707#page/6/mode/1up> Acessado em: 10 jan 2023.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade 18ª ed.** São Paulo: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

\_\_\_\_\_. **A Importância do ato de ler**. São Paulo: Paz e Terra, 2019

FREIRE, A. M. A. F. Paulo Freire - Política e Educação. São Paulo: Paz e Terra, 2015

GOHN, M. G. **Educação não formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006

MOREIRA, H. M. A, CANTO, S.B., SILVA V.O. VIII Seminário Internacional Diálogos com Paulo Freire – Pensamento Político-Pedagógico de Paulo Freire: Diálogos com a Educação no Século XXI. **Paulo Freire E A Experiência De**

**Angicos** (Rn/Brasil), Na Década De 1960 – Proposições Para Uma Alfabetização Humanizadora, RN, 2015

MOURA, Fátima Alves Pereira (Org.). **Reflexões e práticas da didiscência**. Iguatu, CE: Quipá Editora, 2022

ROCHA, S.C.B. da; TERÁN, A.F. **Contribuições de aulas em espaços não formais para o ensino de ciências na Amazônia**. In: Revista Ciência em Tela. V.6,n2, 2014, p.1-10. Disponível em: <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0602de01.pdf>. Acesso em: 03 mar.2024)